

REVOLUÇÃO NIILISTA

ADHEMAR FERREIRA MACIEL*
Juiz do Tribunal Regional Federal/DF

Aldous Huxley, o grande ensaísta, ficcionista e pensador inglês, em seu "Visionários e precursores" (**Do what you will**), dedica um de seus ensaios às "revoluções". Enfoca sobretudo a marxista. Procurou demonstrar, há praticamente meio século, que o comunismo já estava fadado ao fracasso como doutrina política. É que em países altamente industrializados, como os Estados Unidos, o proletariado estava, com o nivelamento progressivo das rendas, alcançando a burguesia e com ela se misturando. O próprio capitalismo – deixou ele claro – já trazia ínsito o germe de sua transformação.

"Acredito", disse o autor de **O admirável mundo novo**,

que assim veremos a realização do que, à primeira vista, parece um paradoxo – a imposição da igualdade democrática completa, como resultado, não como injustiça monstruosa, da pobreza, do descontentamento e da revolução sangrenta que seria a sua consequência, mas, sim, do nivelamento parcial e da prosperidade universal.

Evidentemente o Terceiro Mundo impedirá, durante muito tempo, essa estandartização capitalista.

Na época de Huxley, quando ele escreveu esse ensaio, não existia o microcomputador, que veio revolucionar a vida diária de todos nós. O computador automatizou e racionalizou ainda mais o trabalho e o lazer. Huxley, que pretendia ser um profeta de um futuro não muito distante, teve no tédio proveniente da automatização pelo nivelamento salarial o fermento da revolução niilista: o homem, impossibilitado de criar, de sair dos padrões racionalizados do trabalho e do descanso, será levado ao ímpeto de destruir. Quer livrar-se do tédio, e o único caminho que encontra é o da destruição. "Será – vaticinava ele – "uma revolução

niilista: a destruição pelo prazer de destruir; o ódio universal; uma demolição sem objetivo, e, por conseguinte, total e completa".

Neste final de século, assistimos à derrocada do comunismo. Quanto à "revolução niilista", esperamos que Huxley erre como errou Marx. Esperamos que o homem saiba encontrar um sucedâneo melhor para seu tédio. Enquanto isso, temos que fazer como Pangloss e Cândido: continuar a cultivar nosso jardim...